

Resumo das aulas ministradas, no curso de Iniciação à "Teoria de Conjuntos", promovido pelo Círculo de Estudos de Matemática do Laboratório de Matemática, em novembro de 1961, no Instituto de Educação e no Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do R.G.S, em 1962, pelo Prof. Dr. Antônio Ribeiro, sobre "Teoria de Conjuntos".



1 - TEORIA DE CONJUNTOS

a) - Nocções Fundamentais

Se imaginarmos o edifício matemático sob a forma de um prisma triangular, então diremos, figurativamente, que os lados de sua base inferior são respectivamente, a Teoria de Conjuntos, a Teoria de Funções e a Teoria de Grupos. (Figura 1)

Assim, verificamos que serão apresentadas, para serem por nós estudadas, as teorias fundamentais da Matemática Moderna,

Começaremos pela Teoria dos Conjuntos, cujo criador foi o matemático Jorge Cantor. Este nasceu em 1845, na Rússia, e teve a sua formação matemática realizada na Alemanha.

A bibliografia que sugerimos, relativamente à parte histórica, é a seguinte:

"Breve história de la Matemática" - Francisco Vera. Editorial Losada S.A. Buenos Ayres.

"História de las Matemáticas" - Eric Temple Bell. Editada por Fondo de Cultura Económica - México.

"Los Grandes Matemáticos" - Eric Temple Bell. Editorial Losada S.A. - Buenos Ayres.

Quanto à parte científica, apresentamos os seguintes trabalhos:

"A Álgebra Moderna" - M. Queysanne e A. Delachet. Coleção Saber Atual, volume 36 - S. Paulo.

"Teoria dos Conjuntos e Espaços Métricos" - E. H. Spanier, publicada pela Sociedade Paranaense de Matemática.

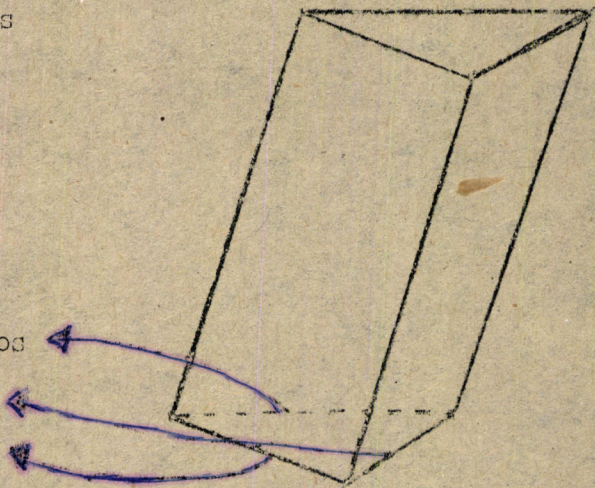
"Conjuntos e Funções" - Leopoldo Nachlein, Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Rio de Janeiro.

"Théorie des Ensembles" - N. Bourbaki. França.

"Introduction to the Theory of Sets" - Joseph Brower. Editora
Prentice-Hall. Nova Jersey. USA.

Feita a introdução e indicada a bibliografia, vamos prosseguir, apresentando as noções fundamentais

Figura 1
Teoria de Conjuntos
Teoria de Funções
Teoria de Grupos



CONCEITOS PRIMITIVOS de uma ciência são todos aqueles que não podem ser definidos à base de outros conceitos da mesma ciência.

Em ^{Matemática} Matemática, conceitos primitivos são aqueles que não podem ser definidos à base de outros conceitos matemáticos. Exemplos: ponto, reta, plano, conjunto, etc. Contra-exemplos: ângulo, diferença entre dois números etc. a) "Ângulo é a figura constituída por duas semi-retas de origem comum". Não é conceito primitivo, porque apela para o conceito de reta e de ponto.

Sabemos que "diferença entre dois números a e b , propostos numa certa ordem, é um terceiro número, que, somado ao segundo, dá por resultado o primeiro". - Também não é conceito primitivo, pois apela para o conceito de soma.

Conjunto é um conceito primitivo - segundo Leopoldo Nachbin, matemático brasileiro da atualidade, - "uma das noções primitivas da Matemática é a do conjunto. Com isso queremos dizer que nos limitamos a atribuir ao termo conjunto o seu sentido usual de coleção de objetos ou elementos; e não pretendemos defini-lo a partir de outros conceitos matemáticos. Por conveniência, fazemos uso também do termo "coleção", como sinônimo de conjunto a fim de evitar a repetição desagregante deste último, no mesmo enunciado". São sinônimos de conjunto, por força de tradição entre os matemáticos, as expressões: coleção, agrupamento, agregado e classe.

Bento de Jesus Caração (Portugal) em sua obra "Conceitos Fundamentais da Matemática", pág. 12, item 12 diz: "Num certo momento, olhamos para uma sala, por exemplo, uma sala de espetáculos, onde está um agrupamento de

possuas. É claro que essas pessoa são, uma a uma, entidades determina-
das o gozam em comum da propriedade de, no momento de que falamos, es-
tarom nessa sala; qualquer pessoa que nesse momento passe na rua, não
não goza dessa propriedade.

Portanto, se falarmos no conjunto de pessoas que estão dentro da
sala, referimo-nos a qualquer coisa bem determinada, tal que, dada uma
pessoa qualquer, poderemos averiguar com rigor, se ela pertence ou não
ao conjunto de que se falou". Esse autor caracteriza o conjunto por um
critério de pertinência. Determina com rigor, se uma pessoa está ou
não na sala, isto é, se pertence ou não ao conjunto.

Para BORBAKI, citado na "Álgebra Moderna" de M. Quoyssano e A. DE
LACHET, - "Um conjunto é formado de elementos suscetíveis de possui-
rem certas propriedades e terem entre si, ou com elementos de outros
conjuntos, certas relações".

Sente-se na citação acima a ênfase ^{dada} a relação entre os elementos de
um conjunto com os de outro conjunto. Isso permite compreender o senti-
do moderno de contagem que examinaremos na Teoria de Funções.

Voltando a citar Nachbin: - "A Teoria Geral dos Conjuntos não co-
gita da natureza dos elementos que constituem cada um dos conjuntos, e
sim, das relações possíveis entre ôsses elementos e conjuntos".

São, pois, objetivos da Teoria de Conjuntos investigar:

- a) - As relações possíveis entre os elementos de um conjunto.
- b) - As relações entre conjuntos.

São ôsses os dois objetivos máximos de um estudante desta teoria
e não o conhecimento da natureza dos elementos do conjunto.

CARACTERIZAÇÃO DE UM CONJUNTO

Há dois critérios para a caracterização de um conjunto:

- a) - Pela apresentação individual ou nominativa dos seus elementos.

Exemplo: Apresentação nominal dos elementos de uma família.

- b) - Por um critério de pertinência. Através de uma proposição por meio
da qual sabemos se um elemento pertence ou não ao conjunto dado. Exem-
plo: O conjunto dos números primos. (Todos aqueles que admitem por divi-
sores somente a unidade ou êles mesmos).

RELAÇÃO DE PERTINÊNCIA

Matematizando o que já foi ~~a~~ apresentado, podemos propor, agora, os
primeiros simbolismos. Seja C um conjunto qualquer e a um elemento

de C



A relação $[a \in C]$ que pode ser lida co-
mo: a é elemento de C, ou a pertence a C.

Esta relação é chamada "relação de pertinência".

Se b não pertence a C , isto é, b não é elemento de C , o simbolismo utilizado será $b \notin C$. Esse simbolismo foi criado por Peano, matemático italiano contemporâneo, falecido em 1932.

EXEMPLIFICAÇÃO

Serão apresentados exemplos dos aspectos seguintes, destinados a fornecer o material para posterior realização de operações:

- Teoria de Números
- Teoria de Polinômios
- Geometria Elementar
- Álgebra das Classes de Congruência.

TEORIA DE NÚMEROS

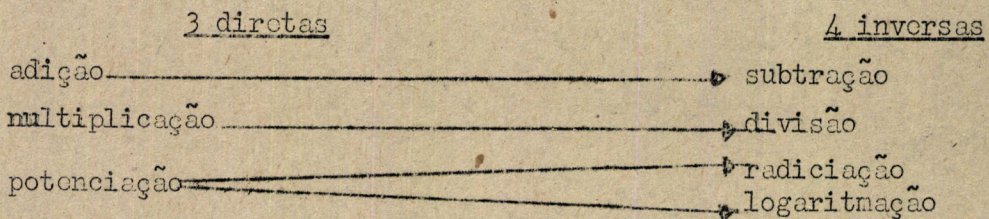
Os diferentes conjuntos numéricos

O problema da contagem gerou, sob o ponto de vista histórico, o conjunto de números naturais. É por meio destes números que se responde à pergunta: "Quantos são?"

O conjunto de números naturais é apresentado pelo seguinte simbolismo: $N = (1, 2, 3, 4, \dots, n, \dots)$

Necessidade operacional de ampliação desse campo

A análise das ampliações feitas no conjunto de números naturais mostra que elas são determinadas pelas operações com esses números. Essas operações são sete:



A potenciação tem duas operações inversas conforme se observa a seguir.

Sejam os números 2, 5 e 32. Verifica-se serem três operações distintas entre dois quaisquer deles para se ter o terceiro. Assim, dados 2 e 5, deve-se realizar uma potenciação entre eles para gerar o 32.

De outra forma, conhecidos 32 e 5, a operação entre eles para se obter 2, a radiciação. Finalmente, a operação entre 32 e 2, para se conseguir o expoente 5, é a logaritmação.

Simbolicamente: $2^5 = 32$, no primeiro caso.
 $\sqrt[5]{32} = 2$, no segundo caso.
 $\log_2 32 = 5$, no último caso.

A análise de operação por operação demonstra que, enquanto as diretas são pacíficas, as inversas são mais exigentes.

A ADIÇÃO não oferece problemas pois, dados dois números naturais, sempre se consegue determinar um terceiro, chamado soma.

Na SUBTRAÇÃO, há uma problemática, Exemplificando:

1) - $15 - 12 = 3$, possível no campo dos números naturais, porque existe o número 3, com a propriedade de, somado a 12, reproduz 15.

2) - $15 - 15 = ?$ Impossível no campo dos números naturais. Surge, então, o primeiro número artificial, o zero, que vem solucionar essa im possibilidade no campo dos naturais, e escreve-se: $15 - 15 = 0$

Lembre-se que as propriedades definitórias de zero são:

$$a + 0 = a \qquad a \times 0 = 0 \qquad a^0 = 1$$

A criação do zero amplia o campo dos números naturais e surge o segundo campo, ou conjunto dos inteiros absolutos: naturais e zero.

$$I_a = (0, 1, 2, \dots, n, \dots)$$

Subtração é uma operação perturbadora: $7 - 12 = ?$ Impossível nos dois campos já existentes. Faz-se necessário criar um terceiro campo de números: conjunto dos números relativos, compreendendo positivos e negativos.

$$I_r = (0^+, 1^+, 2^+, 3^+, \dots, n^+, \dots)$$

Nesses três campos a subtração se realiza plenamente.

A Multiplicação, como a Adição, não oferece dificuldades. Pode-se multiplicar quaisquer pares de números naturais, pares de números inteiros absolutos e pares de números inteiros relativos.

A Divisão só é possível no conjunto de números inteiros absolutos, quando o dividendo for múltiplo do divisor. Porém, a sua generalização é responsável pela criação do quarto campo de números, ou conjunto de números fracionários: absolutos e relativos.

$$F = (\frac{a}{b}, \frac{c}{d}, \dots, \frac{p}{q}, \dots)$$

inteiros e de números

ESTUDO DAS "RELAÇÕES ENTRE" os conjuntos de números fracionários: Tanto os números inteiros como os fracionários admitem a forma de razão q Surge, então, um quinto conjunto, o conjunto dos números racionais, abrangendo o conjunto dos inteiros e o dos fracionários, isto é, números que podem ser postos sob a forma de razão entre dois números inteiros quaisquer, dados em certa ordem e sendo o segundo diferente de z zero. Exemplificando: 5 é racional, porque pode ser posto sob a forma de razão: $5 = \frac{5}{1} = \frac{10}{2} = \frac{15}{3}$, etc

3,5 também é racional:

$$3,5 = \frac{35}{10} = \frac{350}{100}, \text{ etc.}$$

Anota-se por "Q" o conjunto dos números racionais, o qual é um conjunto de dois conjuntos, F e I, ambos conjuntos com infinitos elementos



Justifica-se o simbolismo "Q", pois em Matemática "Razão" é sinônimo de quociente.

Voltando a operações:

Potenciação com expoente inteiro e positivo é sempre possível.

Exemplo: 3^{85} é possível.

Radiciação - exige a criação de um novo campo numérico: o dos irracionais. Exemplo: $\sqrt{5}$ $\sqrt{6}$ $\sqrt{7}$

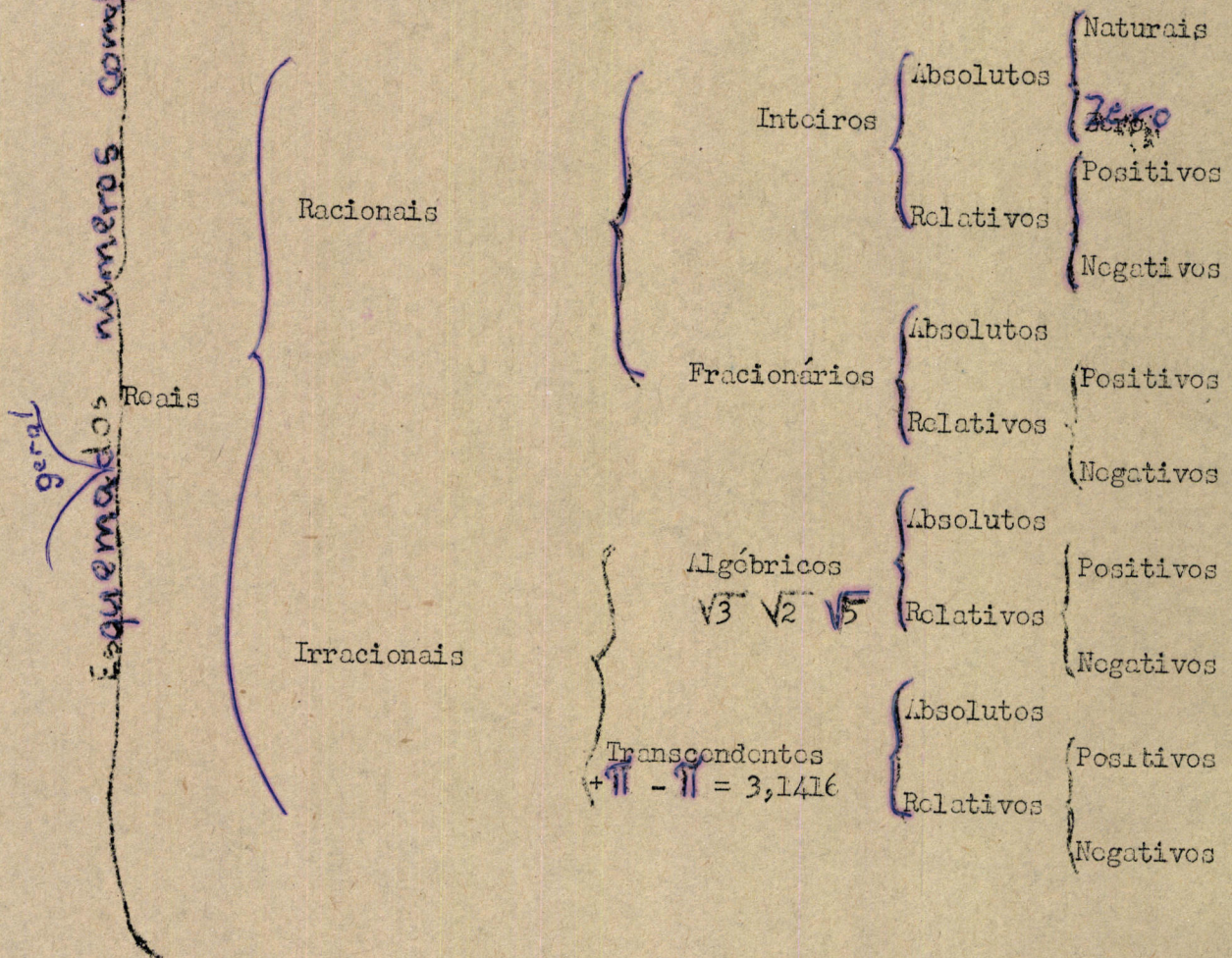
O estudo destes problemas exige a criação do campo numérico dos números irracionais. Anota-se por NQ (não aceitam a forma de razão) este campo.

$\sqrt{-4}$, e outros similares, justificam o aparecimento do campo dos números complexos, porque não há, no conjunto dos campos anteriores, número que multiplicado por si mesmo dê -4 .

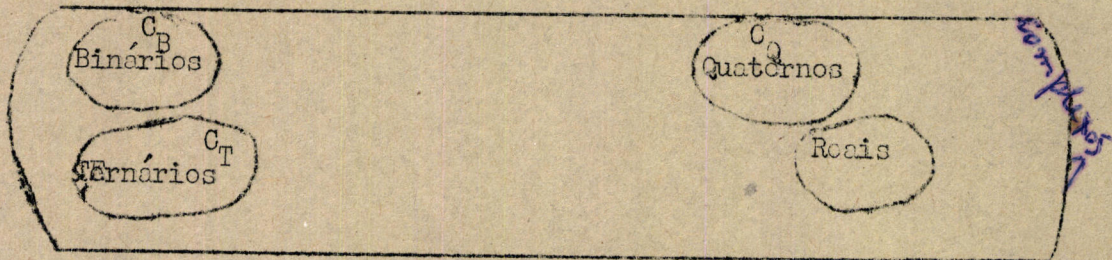
O campo de números complexos, conforme tese demonstrada pelo matemático alemão KUMMER, é a máxima aceção numérica. Logo, a logaritimação será plenamente realizável dentro do mesmo.

O conjunto dos racionais e o dos não racionais forma o conjunto dos reais, que são casos particulares dos números complexos.

Própriamente ditos Binários - pares ordenados de números reais
 Ternários - ternos ordenado de números reais
 Quaternários - conjuntos de 4 números reais dados numa certa ordem.



VISUALIZAÇÃO GEOMÉTRICA DOS CAMPOS DE NÚMEROS



COMPLEXOS

Conhecemos, pois, os diferentes conjuntos numéricos que anotamos por, N, I, F, Q, NQ, R e C, os quais são denominados, respectivamente, por: conjunto dos números Naturais, (N)

"	"	"	Inteiros, (I) (I_a I_r)
"	"	"	Fracionários, (F)
"	"	"	Racionais, (Q)
"	"	"	Irracionais, (NQ)
"	"	"	Reais, (R)
"	"	"	Complexos (C)

Se apolarmos para a relação de pertinência, então poderemos escrever: $5 \in N$, $-3 \in I$, $\frac{2}{7} \in F$, $\sqrt{2} \in NQ$ e $3 + 5 \in C$.

2)- A Teoria dos polinômios apresenta-nos inúmeros exemplos de conjuntos. O primeiro é o conjunto de todos os polinômios racionais e inteiros da forma $ax + b$ ou $a_0x + a_1$, onde x é uma variável e os demais elementos a, b ou a_0, a_1 , são coeficientes. O segundo é o conjunto de todos os polinômios da forma $ax^2 + bx + c$ ou $a_0x^2 + a_1x + a_2$ nos quais x é uma variável e a, b, c ou a_0, a_1, a_2 são coeficientes. O terceiro é o conjunto de todos os polinômios da forma $ax^3 + bx^2 + cx + d$ ou $a_0x^3 + a_1x^2 + a_2x + a_3$ com as mesmas significações para os símbolos

O enésimo é o conjunto dos polinômios da forma

$$a_0x^n + a_1x^{n-1} + \dots + a_{n-1}x + a_n$$
 E assim por diante.

Consideremos, finalmente, o conjunto destes conjuntos de polinômios. Julgamos interessante salientar que este último conjunto tem para elementos n conjuntos.

A GEOMETRIA ELEMENTAR também nos oferece exemplos de conjuntos. A reta, concebida como conjunto de pontos, é um primeiro exemplo.

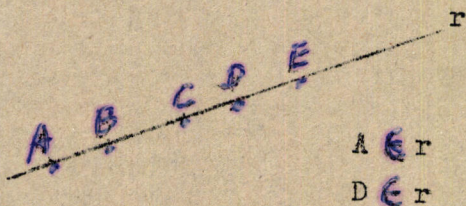


figura 2

O plano, como conjunto de pontos, é um segundo exemplo. É fácil verificarmos que este último pode também ser encarado como uma coleção, cujos elementos são, igualmente, conjuntos, isto é, conjunto de retas.

4) - A ALGEBRA DAS CLASSES DE CONGRUÊNCIA proporciona mais exemplos. Por definição, Classes de Congruência módulo "n" (n Natural) são conjun-

tos cujos elementos são números inteiros, que, divididos por "n" deixam o mesmo resto. **A** módulo n existem "n" classes que anotaremos por: $C_0, C_1,$

C_2, \dots, C_{n-1} Com módulo 2, temos: $C_0 = (0, 2, 4, 6, \dots, 2a, \dots)$ e a classes: $C_1 = (1, 3, 5, 7, \dots, 2a+1, \dots)$ Com módulo 3, temos: $C_0 = (0, 3, 6, 9, \dots, 3a, \dots)$
 $C_1 = (1, 4, 7, 10, \dots, 3a+1, \dots)$
 $C_2 = (2, 5, 8, 11, \dots, 3a+2, \dots)$

É interessante mostrarmos as operações entre duas classes de mesmo módulo, chamadas de adição e multiplicação, as quais são geradoras das classes soma e produto que a seguir definiremos. No conjunto destas operações e de suas propriedades, damos o nome de Álgebra das classes de Congruência.

Sejam C_a e C_b duas classes de congruência a módulo n, e **a** um elemento de C_a e **b** um elemento de C_b .

A classe que contiver **B** é a classe soma e a que contiver **a x b** é a classe produto. (Definição importante)

Em símbolos: **a + b** $C_p = C_a + C_b$

a x b $C_p = C_a \times C_b$

Como já são conhecidas as classes de congruências vamos formar tabuadas de somar e de multiplicar. O dispositivo utilizado é o seguinte:

MÓDULO 2

+	C_0	C_1
C_0	C_0	C_1
C_1	C_1	C_0

Tabuada de somar

x	C_0	C_1
C_0	C_0	C_0
C_1	C_0	C_1

Tabuada de multiplicar

$C_0 (0, 5, 10, \dots, n)$

$C_1 (1, 6, 11, \dots, 2n+1)$

$C_2 (2, 7, 12, \dots, 2n+2)$

$C_3 (3, 8, 13, \dots, 2n+3)$

$C_4 (4, 9, 14, \dots, 2n+4)$

MÓDULO 5 - Tabuada de somar

+	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4
C_0	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4
C_1	C_1	C_2	C_3	C_4	C_0
C_2	C_2	C_3	C_4	C_0	C_1
C_3	C_3	C_4	C_0	C_1	C_2
C_4	C_4	C_0	C_1	C_2	C_3

Tabuada de multiplicar

x	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4
C_0	C_0	C_0	C_0	C_0	C_0
C_1	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4
C_2	C_0	C_2	C_4	C_1	C_3
C_3	C_0	C_3	C_1	C_4	C_2
C_4	C_0	C_4	C_3	C_2	C_1

Já conhecemos a formação das tabuadas de adicionar e multiplicar classes de congruência, de módulo 2 e de módulo 5.

Antes de formar outras tabuadas vamos conceituar elemento neutro em um conjunto dado e relativamente a uma operação conhecida.

Sejam $C = (a_1, a_2, a_3, \dots, a_p, \dots)$ um conjunto, e " θ " uma operação binária entre os seus elementos. Se existir em C um elemento a_n tal que $a_n \theta a_p = a_p$, então a_n é chamado de elemento neutro. Se θ for a adição em qualquer sentido, então o elemento neutro recebe a denominação de zero ou elemento nulo. Por outro lado, se for uma multiplicação, então a_n é chamado de elemento unidade.

Na Teoria de Números os elementos neutros para adição e multiplicação clássicas são, respectivamente, o zero e o um.

Nas tabuadas que já realizamos com as classes de congruência, a módulo 2, o zero e a classe C_0 e o elemento unidade é C_1 .

Observamos que $C_0 + C_a = C_a$ e $C_0 \times C_a = C_0$, isto é, as propriedades definitórias do zero nos campos numéricos estão se conservando.

Formemos, agora, as classes de congruência módulo 3 e as respectivas tabuadas.

As classes são: $C_0 = (0, 3, 6, 9, \dots, n3, \dots)$
 $C_1 = (1, 4, 7, 10, \dots, n3+1, \dots)$
 $C_2 = (2, 5, 8, 11, \dots, n3+2, \dots)$

e as tabuadas correspondentes:

+	C_0	C_1	C_2
C_0	C_0	C_1	C_2
C_1	C_1	C_2	C_0
C_2	C_2	C_0	C_1

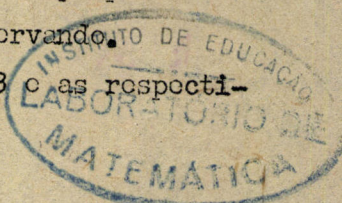
x	C_0	C_1	C_2
C_0	C_0	C_0	C_0
C_1	C_0	C_1	C_2
C_2	C_2	C_2	C_1

O zero e o elemento unidade são, respectivamente, C_0 e C_1

Com módulo 6 - as classes de congruência são:

$C_0 = (0, 6, 12, 18, \dots, n6, \dots)$
 $C_1 = (1, 7, 13, 19, \dots, n6+1, \dots)$
 $C_2 = (2, 8, 14, 20, \dots, n6+2, \dots)$
 $C_3 = (3, 9, 15, 21, \dots, n6+3, \dots)$
 $C_4 = (4, 10, 16, 22, \dots, n6+4, \dots)$
 $C_5 = (5, 11, 17, 23, \dots, n6+5, \dots)$

As tabuadas são apresentadas como se segue:



+	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4	C_5
C_0	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4	C_5
C_1	C_1	C_2	C_3	C_4	C_5	C_0
C_2	C_2	C_3	C_4	C_5	C_0	C_1
C_3	C_3	C_4	C_5	C_0	C_1	C_2
C_4	C_4	C_5	C_0	C_1	C_2	C_3
C_5	C_5	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4

x	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4	C_5
C_0	C_0	C_0	C_0	C_0	C_0	C_0
C_1	C_0	C_1	C_2	C_3	C_4	C_5
C_2	C_0	C_2	C_4	C_0	C_2	C_4
C_3	C_0	C_3	C_0	C_3	C_0	C_3
C_4	C_0	C_4	C_2	C_0	C_4	C_2
C_5	C_0	C_5	C_4	C_3	C_2	C_1

A classe neutra, dita zero ou elemento nulo, é C_0 e a classe unida-
de é C_1 .

Observando a última tabuada de multiplicar salientamos um fato de-
veras notável, isto é; $C_3 \times C_2 = C_0$.

O produto é nulo, embora os dois fatores sejam diferentes de zero

Acreditamos que através de exemplos de diferentes disciplinas mate-
máticas o leitor já esteja familiarizado com o conceito primitivo e fun-
damental da Teoria.

Na Álgebra das Classes de Congruência, aprendemos a operar aditiva
e multiplicativamente com as classes que são notoriamente conjuntos.

Prosseguiremos na apresentação da Teoria de Conjuntos

CONJUNTO VAZIO - é um conjunto caracterizado por um critério de perti-
nência, tal que nenhum elemento o satisfaça. É anotado por \emptyset . Exemplo:

1) O conjunto das capitais brasileiras, cuja letra inicial de seu nome
é X. Exemplo: 2) O conjunto C de elementos x que pertençam a I e que sa-
tisfaçam a equação $2x - 1 = 0$. Com efeito, a equação $2x - 1$ admite ~~do~~
somente uma solução fracionária ($2x = 1$; $x = \frac{1}{2}$) e como $x \notin I$, então,
C é vazio. Usamos na Teoria dos Conjuntos o seguinte simbolismo para es-
te exemplo: $C = \{x; x \in I; 2x - 1 = 0\}$ para leitura deste simbolismo
utilizamos a seguinte linguagem: Conjunto C, de elementos x, pertencen-
tes ao conjunto I e satisfazendo a equação $2x - 1 = 0$. O papel do con-
junto vazio na Teoria dos Conjuntos é semelhante ao do número zero na
Teoria de Números.

SUBCONJUNTOS - Dizemos que um conjunto x é uma parte do conjunto
 y ou ainda: que x está contido em y ; ou ainda: que x é subconjunto de
 y , se todos os elementos de x pertencerem também a y (figura 3)

Usamos o simbolismo: $X \subset Y$, chamado RELAÇÃO DE INCLUSÃO, cuja
leitura é realizada como segue: "X está contido em Y". A relação $A \not\subset B$
(A não contido em B) indica que nem todos elementos de A estão em B.

Consideraremos imediatas as duas propriedades da inclusão que a-
presentamos a seguir: 1 - se $X \subset Y$ e $Y \subset Z$, então $X \subset Z$, (figura 4)

2 - se $X \subset Y$ e $Y \subset X$, então $X = Y$, isto é, os con-
juntos X e Y têm em comum todos os seus elementos. Dois conjuntos, nos

tas condições, são ditos iguais.

Os conjuntos numéricos N, I, F, Q, NQ, R e C permitem escrever as seguintes relações: 1ª - $N \subset I \subset Q \subset R \subset C$

2ª - Se $N \subset I$ e $I \subset Q$ então, $N \subset Q$

3ª - $N \subset I \subset Q \subset R \subset C$

Observamos que ϕ (vazio) está contido em qualquer conjunto e escrevemos a relação de inclusão $\phi \subset C$.



Fig. 3

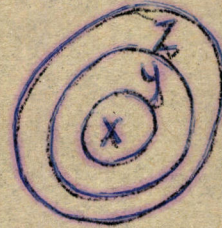


Fig. 4

$N \subset I \subset Q \subset R \subset C$ Complexos

1 - TEORIA DE CONJUNTOS:

b) - ÁLGEBRA DE CONJUNTOS

As operações entre conjuntos, chamadas de intersecção, reunião e complementação e as respectivas propriedades, constituem a Álgebra dos Conjuntos. Estas operações possuem analogias formais com o Cálculo das Proposições, um dos três principais capítulos da Lógica Matemática e estudada pelo matemático inglês do século XIX, Jorge Boole. Aos interessados sugerimos a leitura do cap. II de "Introducción a la Epistemología Y Fundamentación de la Matemática", por Fausto Toranjos - Editora Espasa-Calpe - Argentina, S.A.

Acreditamos existir na Álgebra dos Conjuntos, imperfeições de vocabulário. As palavras: intersecção e reunião - denominam conjuntos e não operações. Lembremos que na Teoria dos Polinômios, os vocábulos: adição e multiplicação, denominam operações que geram respectivamente, os polinômios soma e produto.

Intersecção de Conjuntos

Sejam A e B dois subconjuntos de um conjunto S, isto é, $A \subset S$ e $B \subset S$. Chamamos de elemento comum aos conjuntos A e B a um elemento x que pertença a ambos.

Na Geometria Elemental, temos um exemplo: duas retas concorrentes e pensadas como conjunto de pontos, têm o ponto P como elemento comum. Figura 5.



Definimos intersecção dos conjuntos A e B, antes citados, pelo conjunto de seus elementos comuns e empregamos o símbolo $A \cap B$ para indicá-la.

Uma visualização geométrica podemos apresentar através do diagrama de Venn; fig 6



Intersecção de conjuntos tem certa analogia com o conceito de produto e usamos a notação $A \cap B$. $A \cap B = AB$

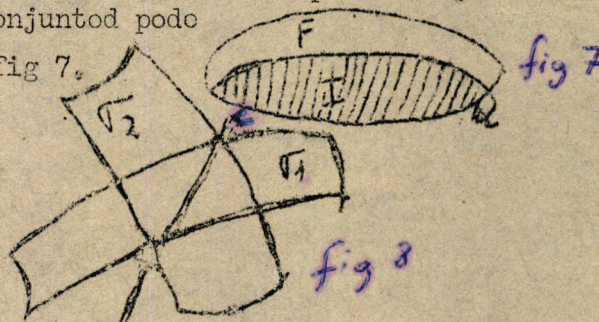
Queremos dar ênfase à notação usada por E. H. Spanier, professor da Universidade de Chicago, em seu livro "Teoria dos Conjuntos e Espaço Métricos", já citado na bibliografia.

$A \cap B = \{x \in S \mid x \in A \text{ e } x \in B\}$ Esta é a notação. Para leitura da mesma empregamos o seguinte vocabulário: $A \cap B$ é o conjunto de elementos x pertencentes a S e com a propriedade de também pertencerem aos conjuntos A e B .

Se não houver elementos em $A \cap B$, então diremos que $A \cap B$ é vazio e aos conjuntos A e B damos o nome de disjuntos. Exemplos: Se α e β forem dois planos paralelos, então $\alpha \cap \beta = \emptyset$. Também é vazio $\mathbb{Q} \cap \mathbb{N}$.

Semelhantemente, é vazia a intersecção dos conjuntos dos inteiros pares I_p com o dos inteiros ímpares I_i ou simbolicamente $I_p \cap I_i = \emptyset$. Observemos que a intersecção de dois conjuntos pode ser um deles. É o caso de $\mathbb{Q} \cap \mathbb{I} = \mathbb{I}$, fig 7.

Queremos salientar que quase sempre a intersecção de duas superfícies é uma curva. Pôr força da figura 8, $\sigma_1 \cap \sigma_2 = c$



Realizaremos a seguir, um exercício, isto é, procuraremos a intersecção de A com B , sendo estes conjuntos assim caracterizados:

$A = \{a \in \mathbb{R} \mid 0 < a < 2\}$ e $B = \{b \in \mathbb{R} \mid 1 \leq b \leq 3\}$ Ora, se os elementos de A estão no subconjunto de extremos 0 e 2, e os de B no subconjunto aberto de extremos 1 e 3, então os elementos de $A \cap B$ estão na classe de extremos 1 e 2, feita a exclusão destes. Logo,

$$A \cap B = \{x \in \mathbb{R} \mid 1 \leq x < 2\}.$$

Estenderemos o conceito de intersecção para um número qualquer, porém finito de conjuntos. Se A_1, A_2 e A_3 forem três subconjuntos de um conjunto S , então nós dizemos que $A_1 \cap A_2 \cap A_3$ é o conjunto de todos os elementos comuns aos três. O diagrama de Venn visualiza este conceito na figura 9.

Se tivermos n subconjuntos de S , então nós escreveremos $A_1 \cap A_2 \cap \dots \cap A_n = \bigcap_{i=1}^n A_i$. O símbolo $\bigcap_{i=1}^n A_i$ é lido da seguinte maneira: Intersecção dos conjuntos A_i quando i varia de 1 até n .

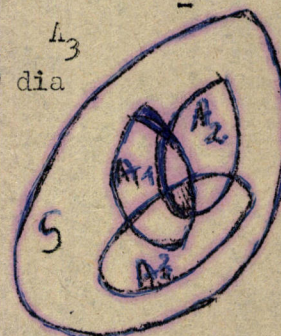


fig. 9

PROPRIEDADES DA INTERSECÇÃO

É notoriamente comutativa, isto é, $A \cap B = B \cap A$ pois $A \cap B$ e $B \cap A$

indicam, respectivamente, o conjunto dos elementos comuns A e B e a B e A e como tal afirmamos $A \cap B = B \cap A$

Dizemos, também, que a intersecção goza da propriedade associativa, isto é, $(A \cap B) \cap C = A \cap (B \cap C)$ onde A , B e C são três subconjuntos de um conjunto dado. Por meio da definição de intersecção verificamos a veracidade desta relação. Deixamos para o leitor a iniciativa de verificar a associatividade da intersecção para os conjuntos numéricos Q, R, C .

REUNIÃO DE CONJUNTOS

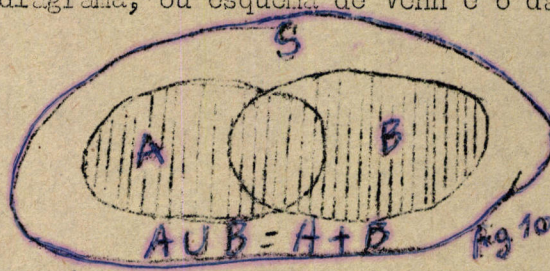
No livro "Álgebra Moderna", volume 36, da coleção "Saber Atual", pág. 50, encontramos a seguinte definição: "Reunião de dois conjuntos A e B , onde A e B estão contidos em um conjunto S , é o conjunto constituído pelos elementos comuns e não comuns a A e B ".

Afirmamos a existência de certa analogia deste conceito com o da soma de números e por força deste fato encontramos autores que denominam a reunião de conjuntos por soma. Também é usual a denominação união

O simbolismo tradicional é $A \cup B$ e, às vezes, $A + B$.

Para exemplificar vamos considerar os subconjuntos I e F de R . É imediato que $I \cup F = I + F = Q$. O diagrama, ou esquema de Venn é o da figura 10.

Também queremos registrar as seguintes formas para definir reunião, as quais, em nosso entender, equivalen à definição inicial:



- Leopoldo Nachbin, ilustre matemático brasileiro, diz: "Reunião de dois conjuntos A e B , representado por $A \cup B$, é a coleção dos elementos que pertencem a pelo menos um dos conjuntos A e B ".

- O prof. Elon Lagos de Lima, em seu livro "Topologia dos Espaços Métricos", afirma: "Reunião de A e B , partes de um mesmo conjunto M , é o conjunto, anotado por $A \cup B$, formado pelos elementos de A mais os de B ".

- Na pág. 7 do livro "Teoria dos Conjuntos de Espaços Métricos", de E. H. Spanier, encontramos a definição simbólica da reunião de conjuntos assim como segue: Se A e B forem partes de S , então definimos a reunião de A e B por $A \cup B = \{x \in S \mid x \in A \text{ ou } x \in B\}$ este simbolismo difere apenas pela conjunção alternativa ou daquele já conhecido, isto é,

$$A \cap B = \{x \in S \mid x \in A \text{ e } x \in B\}$$
 Vejamos mais um exemplo:

Seja A o conjunto de tôdas as letras do alfabeto; e V e C os subconjuntos das vogais e das consoantes. Is to posto, escrevemos:

$$V \cap C = \emptyset \quad \text{e} \quad V \cup C = A$$

Observamos que a adição de classes de congruência difere de reunião das mesmas classes: Com efeito, a módulo 2, e por força da tabuada

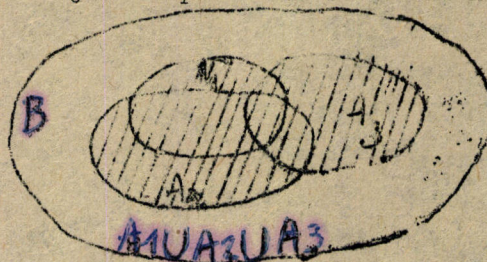
de somar classes, temos: $C_0 + C_1 = C_1$ e $C_0 \cup C_1 = I_n$ e a m3dulo 5 en-
contramos $C_3 + C_2 = C_0$, por3m $C_3 \cup C_2$ difere de t3d3s as classes.

Para maior esclarecimento afirmamos que se A e B forem subconjun-
tos de uma cole33o S, ent3o $A \cup B$ conter3 os elementos de A e os de B,
exce33o feita para os comuns, - caso existam, - que pertencer3o ao con-
junto-uni3o somente uma vez.

Acreditamos que o exemplo abaixo evidenciar3 o nosso pensamento:
Se $C_1 = (a,b,c,d)$ e $C_2 = (a,c,e,f)$ ent3o $C_1 \cap C_2 = (a,c)$ e $C_1 \cup C_2 =$
 $= (a,b,c,d,e,f)$

Vamos realizar a extens3o de dois conjuntos para o caso de um n3-
mero finito e qualquer de conjuntos.

Se A_1, A_2 e A_3 forem tr3s subconjun-
tos, ent3o $A_1 \cup A_2 \cup A_3$ 3 o conjunto B B
dos elementos comuns e n3o comuns aos
tr3s subconjuntos dados, Fig. 11.



Se "n" for um n3mero natural e finito, ent3o $A_1 \cup A_2 \cup A_3 \cup \dots \cup A_n$
3 definida da mesma maneira e escrevemos ainda $A_1 \cup A_2 \cup A_3 \cup \dots \cup A_n =$
 $= \bigcup_{i=1}^n A_i$. Para ler a not33o abreviada $\bigcup_{i=1}^n A_i$ usamos da seguinte lingua-
gem: Uni3o ou reuni3o dos conjuntos A_i quando i varia d3sde 1 at3 n.

PROPRIEDADES DA REUNI3O

A reuni3o de conjuntos 3 not3riamente comutativa, ou seja $A \cup B =$
 $= B \cup A$. Semelhantemente, 3 tamb3m associativa, isto 3, se A, B e C fo-
rem subconjuntos de S, ent3o $(A \cup B) \cup C = A \cup (B \cup C)$. Sugerimos ao
leitor que verifique a associatividade da reuni3o com os conjuntos I, F
e NQ.

RELAC3ES ENTRE REUNI3O E INTERSEC3O

Na Teoria de N3meros dizemos que a multiplic3o 3 distributiva em
face da adi3o, isto 3, se a, b e c forem tr3s n3meros quaisquer, ent3o

$$a \times (b + c) = a \times b + a \times c$$

De modo similar, dizemos que a reuni3o de conjuntos 3 distributi-
va em rela33o 3 intersec3o e ainda mais, a intersec3o de conjuntos 3
distributiva em rela33o 3 reuni3o. Simb3licamente $A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap (A \cup C)$
e $A \cap (B \cup C) = (A \cap B) \cup (A \cap C)$ onde A, B e C s3o subconjun-
tos quaisquer de M. Vamos esclarecer que de fato $A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap (A \cup C)$
Sabemos que se $X \subset Y$ e $Y \subset X$ ou $X \supset Y$, ent3o $X = Y$. Assim, se o conjunto,
simb3licamente exp3sso pelo primeiro membro estiver contido no corres-
pondente do segundo membro e se o do segundo estiver contido no do pri-
meiro, ent3o, estar3 evidente a propriedade em quest3o.

Vejamos a primeira etapa, isto 3, $A \cup (B \cap C) \subset (A \cup B) \cap (A \cup C)$. Seja x

um elemento qualquer pertencente a $A \cup (B \cap C)$, então $x \in A$ ou $x \in B \cap C$. Se $x \in A$, então, por maior razão $x \in A \cup B$ e $x \in A \cup C$ e como tal $x \in (A \cup B) \cap (A \cup C)$; Se $x \in B \cap C$, então $x \in B$ e $x \in C$ e como tal $x \in A \cup B$ e $x \in A \cup C$ e também $x \in (A \cup B) \cap (A \cup C)$

Ora, se $x \in A \cup (B \cap C)$ e $x \in (A \cup B) \cap (A \cup C)$, então

$$A \cup (B \cap C) \subseteq (A \cup B) \cap (A \cup C)$$

Agora examinemos a segunda etapa, isto é,

$(A \cup B) \cap (A \cup C) \subseteq A \cup (B \cap C)$ Suponhamos um elemento qualquer $x \in (A \cup B) \cap (A \cup C)$. Então, $x \in A \cup B$ e $x \in A \cup C$ e como tal $x \in B$ e $x \in C$ o que permite afirmar $x \in B \cap C$ e assim, está esclarecida a 2ª parte. Logo, por força da primeira promessa a propriedade está evidente.

Deixamos para o leitor demonstrar a distributividade da intersecção em face da reunião.

Afirmamos ser fundamental o conhecimento destas propriedades intrínsecas, como também a comutatividade e a associatividade de uma operação binária.

COMPLEMENTAÇÃO DE CONJUNTOS

Se A for um subconjunto de S , então a operação geradora do complementar de A , em relação a S é chamada de complementação.

Definimos complementar de A , parte de S , como o subconjunto de S cujos elementos não pertencem ao conjunto A . O complementar de A é anotado por C_A e o simbolismo usual é o seguinte:

$$C_A = \{x \in S \mid x \notin A\}$$

O esquema da figura 12, constitui o diagrama de Venn, relativamente ao complementar,



Realizaremos um exercício. Seja $D = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9\}$ o conjunto dos números naturais dígitos. A Análise combinatória esclarece que este conjunto tem $2^9 = 512$ subconjuntos, dos quais destacamos os seguintes: $P = \{2, 4, 6, 8\}$ $I = \{1, 3, 5, 7, 9\}$ e $P_r = \{1, 2, 3, 5, 7\}$. Isto posto, vamos determinar o complementar de cada um dos 4 conjuntos e após, haveremos de interseccionar e reuni-los 2 a 2.

$$C_D = \emptyset \quad C_P = I \quad C_I = P \quad C_{P_r} = \{4, 6, 8, 9\} \quad D \cap P = P$$

$$D \cap I = I \quad D \cap P_r = P_r \quad P \cap I = \emptyset \quad P \cap P_r = \{2\}$$

$$I \cap P_r = \{1, 3, 5, 7\} \quad D \cup P = D \quad D \cup I = D \quad D \cup P_r = D$$

$$P \cup I = D \quad P \cup P_r = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8\} \quad I \cup P_r = \{1, 2, 3, 5, 7, 9\}$$

Sugerimos que o leitor calcule o número de subconjuntos de $A = \{2, 3, 5, 7\}$ forme todas as subcoleções, determine a complementar de cada uma, estabeleça todas as uniões e intersecções binárias.

PROPRIEDADES DA COMPLEMENTAÇÃO

Sejam A, B e \emptyset três subconjuntos de S. Isto posto, apresentamos as propriedades triviais ou imediatas da complementação: 1) - $C_S \emptyset = S$
2) - $C \emptyset = S$ 3) - $C(C_A) = A$ 4) - $A \cap C A = \emptyset$ 5) - $A \cup C A = S$

Propriedades Triviais: A, B, \emptyset subconjuntos de S

$C_S \emptyset = S$ $C \emptyset = S$

$C(C_A) = A$ $A \cup C A = S$ $C \cap C A = \emptyset$

1) - $C \emptyset = S$ 2) - $C_S \emptyset = S$ 4) - $A \cap C A = \emptyset$ 5) - $A \cup C A = S$

3) - $C(C_A) = A$

A seguir, verificamos a não distribuidade da complementação diante da intersecção e da reunião, isto é, $C(A \cap B) \neq C A \cap C B$ e $C(A \cup B) \neq C A \cup C B$

Vamos evidenciar a 1ª afirmação!

Sabemos que $C(A \cap B) = \{x \in S | x \notin A \cap B\}$ e $C A \cap C B = \{x \in S | x \notin A\} \cap \{x \in S | x \notin B\}$

Ora, os elementos de $C(A \cap B)$ não podem pertencer a A e B, mas podem ocorrer a A ou B e os de $C A \cap C B$ não podem estar em A nem no conjunto B. Portanto, é correto que a complementação não é distributiva em face da intersecção. Deixamos para o leitor examinar a outra desigualdade.

Na pág. 13 da apostila "Considerações sobre a Teoria dos Conjuntos" do prof. J. J. Sorra Costa, estão demonstradas as chamadas "Leis de Morgan" que apresentamos simbolicamente: $C(A \cap B) = C A \cup C B$ e $C(A \cup B) = C A \cap C B$. Isto é, relações entre as 3 operações estudadas. Aconselhamos ao leitor demonstrá-las pela utilização dos simbolismos de E. H. Spanier.

DIFERENÇA E PRODUTO CARTESIANO

Definiremos ainda a diferença e produto cartesiano de dois conjuntos. Se A e B forem duas partes do conjunto S, então o prof. E. H. Spanier, da Universidade de Chicago, define diferença entre os conjuntos A e B, dados nesta ordem e anotada por A - B pela intersecção de A com complementar de B. Este professor usa o simbolismo $A - B = A \cap C B = \dots = \{x \in S | x \in A \text{ e } x \notin B\}$. O esquema da fig. 13 constitui o diagrama de Venn relativo à diferença A - B



$x \notin A$

Veremos que $A - B \neq B - A$. Com efeito, $B - A = B \cap C A = \{x \in S | x \in B \text{ e } x \notin A\}$. Comparando este simbolismo com o definitivo de A - B, concluímos que, de fato, não existe a comutatividade e o diagrama de Venn, para B - A é o que segue, fig. 14



Para exercitação, vamos considerar o conjunto $A = \{2, 3, 5, 7\}$ o qual tem $2^4 = 16$ subconjuntos, a saber:

$A - B \neq B - A$ ($A - B$ é diferente de $B - A$)

$A - B = A \cap C_B = \{x \in S \mid x \in A \text{ e } x \notin B\}$

$B - A = B \cap C_A = \{x \in S \mid x \in B \text{ e } x \notin A\}$

$A_0 = \emptyset$ $A_4 = \{7\}$ $A_8 = \{3, 5\}$ $A_{12} = \{2, 3, 7\}$
 $A_1 = \{2\}$ $A_5 = \{2, 3\}$ $A_9 = \{3, 7\}$ $A_{13} = \{2, 5, 7\}$
 $A_2 = \{3\}$ $A_6 = \{2, 5\}$ $A_{10} = \{5, 7\}$ $A_{14} = \{3, 5, 7\}$ e
 $A_3 = \{5\}$ $A_7 = \{2, 7\}$ $A_{11} = \{2, 3, 5\}$ $A_{15} = A$

Isto posto, vamos determinar todas as diferenças

$A - A_i$ com $i = (0, 1, 2, \dots, 15)$

$A - A_0 = A \cap C_{A_0} = A \cap A = A$ $A - A_8 = A \cap C_{A_8} = A \cap A_7 = A_7$
 $A - A_1 = A \cap C_{A_1} = A \cap A_{14} = A_{14}$ $A - A_9 = A \cap C_{A_9} = A \cap A_6 = A_6$
 $A - A_2 = A \cap C_{A_2} = A \cap A_{13} = A_{13}$ $A - A_{10} = A \cap C_{A_{10}} = A \cap A_5 = A_5$
 $A - A_3 = A \cap C_{A_3} = A \cap A_{12} = A_{12}$ $A - A_{11} = A \cap C_{A_{11}} = A \cap A_4 = A_4$
 $A - A_4 = A \cap C_{A_4} = A \cap A_{11} = A_{11}$ $A - A_{12} = A \cap C_{A_{12}} = A \cap A_3 = A_3$
 $A - A_5 = A \cap C_{A_5} = A \cap A_{10} = A_{10}$ $A - A_{13} = A \cap C_{A_{13}} = A \cap A_2 = A_2$
 $A - A_6 = A \cap C_{A_6} = A \cap A_9 = A_9$ $A - A_{14} = A \cap C_{A_{14}} = A \cap A_1 = A_1$
 $A - A_7 = A \cap C_{A_7} = A \cap A_8 = A_8$ $A - A_{15} = A \cap C_{A_{15}} = A \cap A_0 = A_0$

Em simbolismos gerais:

$A - A_i = A \cap C_{A_i} = A \cap A_{15-i} = A_{15-i}$

Consideremos ainda dois conjuntos que podem ou não estar contidos em uma coleção S

Definimos produto cartesiano de A por B e anotado por $A \times B$ pelo conjunto cujos elementos são pares ordenados da forma (a, b) com $a \in A$ e $b \in B$. Esta definição possibilita uma magnífica apresentação das definições de números complexos.

Se R for o conjunto dos números reais, então, o produto cartesiano $R \times R = R^2 = \{(a, b), (a', b'), (a'', b''), \dots\}$ é o conjunto dos números complexos binários onde $(a, b), (a', b'), (a'', b''), \dots$ são pares ordenados de números reais. Estes pares são, por definição, números complexos binários ou com 2 elementos. Determinamos, a seguir, o produto cartesiano de $R^2 \times R$, isto é, $R^3 = \{(a, b, c), (a', b', c'), (a'', b'', c'') \dots\}$ cujos elementos são ternos ordenados de reais, onde o 1º elemento é um par ordenado de R^2 e o 2º um real de R. Os componentes de R^3 , ternos ordenados de reais, são também chamados de números complexos ternários.

O produto $R^3 \times R$ ou R^4 é o conjunto de todos os quaternos ordenados de reais ou números complexos com 4 elementos.

$R^3 \times R = R^4 [(a, b, c, d), (a', b', c', d), (a'', b'', c'', d''), \dots]$ O 1º elemento é terno ordenado de reais e o 2º um real de R .

Enfim, R^n é o produto $R^{n-1} \times R$ constituído por coleções ordenadas de "n" números chamados de números complexos com "n" elementos.

O conceito de produto cartesiano de dois conjuntos pode ser ampliado como vamos apresentar:

Sejam "n" conjuntos A_i , isto é, A_1, A_2, \dots, A_n , os quais podem ou não ter elementos comuns, serem coincidentes, ou até constituídos de elementos de diferentes naturezas.

O produto cartesiano deles é o conjunto de todas as coleções ordenadas $(a_1, a_2, a_3, \dots, a_n)$, ditas também n-uplas ordenadas, onde $a_1 \in A_1$ ou mais explicativamente, $a_1 \in A_1, a_2 \in A_2, \dots, a_n \in A_n$.

Simbolicamente, $A_1 \times A_2 \times \dots \times A_n = \prod_{i=1}^n A_i$

O sinal \prod é o P maiúsculo do alfabeto grego e o segundo membro da relação que recém apresentamos é lido como segue: produto cartesiano dos conjuntos A_i quando i varia de 1 até n.

Quanto à Teoria de Conjuntos, já apresentamos as suas noções fundamentais, a Álgebra dos Conjuntos e as operações geradoras da diferença e do produto cartesiano de conjuntos.

~~Para prosseguir, veja nos seguintes capítulos a apresentação de~~
Teoria de Funções